

As autoridades e mais pessoas a quem o conhecimento e execução d'esta competir, assim o tenham entendido e cumpram.

Palacio do Governo de Diu, 2 de Dezembro de 1902. — O Governador, *João Herculano Moura*.

Traremos ao conhecimento dos nossos leitores, opportunamente, o resultado dos trabalhos que se effectuarem.

D. DE ANAYA.

(*Diario de Noticias*, 6 de Janeiro de 1903).

### III. Museu em Diu (Estado da India Portuguesa)

O governador do districto de Diu está installando nas salas da Camara Municipal d'aquella cidade um museu de archeologia e historia, no qual reunirá todas as lapides historicas, inscrições em pedra, armas e brasões, a maior parte dos quaes do seculo XVII, que não estão nos seus logares primitivos e se acham dispersos na praça de Diu.

(*O Seculo*, 19 de Janeiro 1903).

## Bibliographia

**Archeologia portuguesa.** — por José T. R. Fortes Junior: **I) A estação archeologica de Alvarelhos**, Porto 1899; **II) Balneum luso-romano de S. Vicente do Pinheiro**, Porto 1902.

I. Para o culto da archeologia nacional entrou mais um *flamen*. Iniciando uma serie de monographias, o Sr. Dr. José Fortes, advogado no Porto, intenta espaiar agora as suas aptidões intellectuaes, encarceradas no direito concreto, pelos campos poeticos da archeologia.

O primeiro ensaio, que publica, impõe ao A., pelos dotes que revela, a obrigação de não desertar da tarefa. O assunto do 1.º folheto do Sr. Dr. Fortes é o estudo de um crasto, situado nas vertentes do Ave, terra de Gallaicos. Talvez por isso o sub-titulo ficasse caracterizado com maior precisão, se fosse trocado por este — *O Crasto de Alvarelhos*, para não desaproveitar o topico que perdurou (pag. 8), e circunscrever mais a chronologia da estação (pag. 26). Este crasto chamou-se, em documentos do sec. X, *civitas, vila* (pag. 28), e no sec. XI apparece com denominação de *villa Palmacianus*, traduzida já no sec. XIV em *couto de Palmazaãos*, onomastico hoje perdido misteriosamente (pag. 28). Se o estudo de um crasto, tal qual, é materia curiosa, alem de util, o estudo e pesquisa do seu desenrolamento e transformação através da decadencia romana e da installação germanica são superlativamente interessantes. No caso particular de que se trata, os documentos vieram encadear alguns aspectos successivos da evolução do crasto protohistorico de Alvarelhos, ligando-o peor ou melhor á historia. O achado do fuste de columna em Sobre-Sá (pag. 17), os dos Aidos

(pag. 18) e os das moedas imperatorias (pag. 14), alem da ceramica propriamente da conquista, tomam e realizam o encadeamento num periodo anterior. Seria para apreciar uma carta ampliada do local, carta que permittisse observar o derramamento do povoado, provavelmente para o valle. Um quesito, por que se deviam interessar todos os exploradores de crastos, era o dos vestigios archeologicos deixados pela transformação dos nossos *oppida*, mais ou menos modestos.

O estudo do crasto de Alvarellhos está feito com ponderação e amor; os varios incidentes da pesquisa archeologica estão tratados sem confusão e com methodo. A ceramica foi apreciada e analysada desde pag. 19 a 21, com o escrupulo de um archeologo sincero e a competencia que só o estudo dá. E a sinceridade no archeologo, isto é, o proposito de trabalhar para a verdade da sciencia, e não para a vaidade do sabio, é a primeira das suas virtudes.

O A. dá a entender que intenta novas explorações; oxalá ellas desempobreçam as modestas ruinas de Alvarellhos.

II. No 2.º opusculo o A. estudou afincadamente as ruinas de um balneario romano, que raro caso em Portugal, foi desaterrado com todas as precauções e criterio de alguém verdadeiramente esclarecido e apreciador das boas antiguidades.

Teve pois bello campo para se empregar a paixão archeologica do Sr. Dr. José Fortes. O folheto, de 56 paginas, com algumas gravuras e uma planta, revela, como o anterior, estudo porfiado e cabal do assunto, methodo claro e judicioso e sinceridade de trabalho.

Reconhece-se que a preocupação constante do A. foi mais objectiva que subjectiva, e o certo é que esta empallidece muitas vezes o valor das produções litterarias ou scientificas. O illustre investigador, pelo contrario, amou o objecto do seu estudo e procurou possui-lo plenamente. O desenvolvimento que deu ao assunto, foi o strictamente necessario para deixar completo o seu estudo. Foi sobrio pois em divagações e incidentes. Escreveu o indispensavel para se saber o que este balneario é actualmente, o que foi e como devêra ter funcionado.

Alem d'isto, foi methodico e razoavel. Nos capitulos em que se reclamava esforço imaginativo, soube pautar as suas conjecturas pelos conhecimentos adquiridos no trabalho previo a que se entregou.

Ganhou assim muito a archeologia nacional com ser o Sr. Dr. José Fortes quem tomou aos hombros uma empresa de tanta responsabilidade.

O que lamentei durante a leitura d'esta obra foi o escasso desenvolvimento da parte illustrativa. Sinceramente o digo ao meu illustre confrade.

As gravuras são insufficientes em numero e em qualidade. Por ellas não se fica fazendo ideia clara do estado das ruinas; falta-lhes nitidez. Alguns dos objectos da fig. 2.ª precisavam de representação especial e propria. Mal se comprehendem.

Decerto o A. teve motivos para ser tão parcimonioso nas illustrações, mas concordará decerto em que, quem quizer conhecer bem estas notaveis ruinas sem as visitar, não o conseguirá tão cabalmente como desejaria, pretendendo elucidar-se com a consulta das gravuras.

Ha alguns achados que não tiveram mesmo figura, e pena foi; v. g. os amoladores de grés (pag. 27); o fragmento da amphora (pag. 28); o *later* em fôrma de cunha (pag. 19). E na ichnographia do edificio, um corte em H e I; uma representação do arco intermedio; um corte em I, etc., fazem falta. Não seria tambem demais uma gravura que traduzisse claramente a estrutura e o aparelho das paredes.

Isto não são defeitos do trabalho de tão consciencioso investigador; são faltas que sente quem estuda, e senões que não deixam brilhar a toda a luz o valor e proveito da obra.

Permitta-me agora o intelligente A. do *balineum*, que lhe diga francamente o que me ocorreu no seguimento da leitura do seu valioso opusculo.

A presença (pag. 10) da *mola manuarial* portatil é attestado de romanização? Assim pensa para a Gallia a *Revue Archéologique* (t. xxxvi-1900), num estudo intitulado *Les origines du moulin à grain*. Ahi affirma o seu autor que a mó gallo-romana, que é a correspondente á que nós temos dos nossos castros e á que o Sr. Dr. José Fortes colheu junto do *balineum*, deriva do moinho romano, que nesse artigo vem figurado, bem como em Rich (s. v. *mola*), e, até a considera um progresso, visto como a perda da metade superior do *catillus*, o achatamento da *meta* e a redução do volume<sup>1</sup> produziram um aparelho mais leve, portatil e até mais perfeito. A nossa *mó castreja* (á falta de melhor denominação, que eu por mim accitaria reconhecido), apparece na Citania de Briteiros; mas, o que mais significa, pertence tambem aos achados de Sabroso, onde a influencia romana não ficou documentada, presumindo Cartailhac archaicas estas mós, por mais perfeitas que sejam (Cartailhac, *Les âges préhistoriques*, pag. 276; cfr. *O Arch. Port.*, vi, 37; vid. tambem Evans, *Les âges de la pierre*, pag. 249-252). Nesta mesma estação encontraram-se, nas camadas mais profundas, os *trituradores*, que deverão ser considerados como mais antigos que as mós manuaes, e assim no periodo de occupação de Sabroso teria succedido o facto importante da introdução da mó giratoria (*Renascença*, pag. 120, nota 3). O que é porém de crer, é que esta mó não desthronasse de golpe a de movimentos rectilineos, porque umas e outras se encontram nos mesmos castros em condições de demonstrarem emprego simultaneo (cfr. *O Arch. Port.*, i, 165 e iv, 235). No *balineum* de S. Vicente de Pinheiro recolheu o seu esclarecido explorador um *amolador de grés* (pag. 27), que me põe em duvida acêra do seu parentesco com os *trituradores* encontrados em castros e antas; o melhor teria sido figurá-lo. E quem sabe se a especie do grão determinaria alguma preferéncia para uma ou outra fôrma de moer, ou se o grão, antes de entrar no orificio do *catillus*, não soffreria uma previa trituração?

<sup>1</sup> De um castro de Valdevez possui hoje o Museu Ethnologico Português o pé de uma *mola* cylindro-conica de granito da altura total de 0<sup>m</sup>.45. Que logar occupará esta na seriação das mós? Com o peso que lhe corresponde, deixava de ser transportavel. Vid. tambem *O Archeologo Português*, iv, 234, nota 2, e viii, 58.

Em Santa Olaya, pelo que se deprehe de do relatório da 7.ª sessão da Sociedade Archeologica da Figueira (*Gazeta da Figueira*, de 15-10-902) temos a mó circular a preceder a influencia romana.

Estes factos bastam para me fazerem hesitar, acêrca da interferencia romana na substituição das mós primitivas na peninsula iberica.

A pag. 54 considera o Sr. Dr. José Fortes as causas do abandono do seu *balineum*; deante d'aquellas lodosas ruinas outra hypothese alem da que o A. aventa, não é admissivel para explicação do termo d'aquelle estabelecimento; nem tão pouco outra, para a do facto que produziu esse abono: o desabamento quasi total e simultaneo. Como porém passeamos em campo de hypotheses, seja-me licito propor tambem uma que explique a causa de derrocada, que a propria estrutura das paredes do *balineum* teria em si.

O systema empregado na construção das paredes era o *dianicton*, que, antes de ser apropriado pelos Romanos, já era de uso na Grecia e que é, emfim, o que se encontra nas casas da Citania e Sabroso (Plinio, *Hist. nat.*, trad. de Littré, II, xxxvi, 51, e *Observações á Citania*, por Martins Sarmiento, pag. 25; *Renascença*, pag. 123, nota 1), mas esse systema não podia offerecer segurança para edificios de certa importancia, sobretudo nas regiões onde o granito fosse a rocha empregada. Diz o Sr. Dr. José Fortes (pag. 29) que na construção das paredes não havia os *juntoiros*<sup>1</sup> que, segundo Vitruvio, entram no *emplecton*; esta circumstancia e a de ser o granito rocha, a que a argamassa de cal (e no caso presente este elemento não abundava nas paredes: pag. 34) não se liga tão intima nem tão efficazmente como a outras de origem calcarea, tornariam de reduzida duração as paredes do *balineum*. Contra esta hypothese parecerá a quem me lê, existir lá mesmo a replica, no desgaste de algumas soleiras (pag. 15 e 53). Mas é preciso ter em vista a qualidade do granito, mais ou menos duro, o genero de *calceamentum* usado pelos frequentadores do *balineum*, o destino das quadras A e B (pags. 15 e 45) que o A. aventa problematicamente, e ainda mais, que não são necessarias muitas dezenas de annos, para que o transito continuado cave no granito das soleiras, ainda o mais rijo, um sulco bem patente<sup>2</sup>. Acresce que a solidez do edificio veio a ser tão precaria, que se tornou necessario encostar-lhe um contraforte, junto da entrada (pag. 23). Neste particular, pois, creio que os constructores do *balineum* não precisariam saber de cór Vitruvio para que *in medio farciunt fractis separatim cum materia caementis* (pag. 30). Se a planta do edificio era caracteristicamente romana, a *structura*, antes de ser vitruviana, era tambem indigena, e foi natu-

<sup>1</sup> ... Et praeter caetera interponunt (Graeci) singulos perpetua crassitudine utraque parte frontatos quos *diatonous* appellant... (Vitruvio, II, viii).

Todavia, em Azere, a casa cujas paredes subsistiam quando fiz uma exploração neste castro, tinha *juntoiros*. O que não deve admirar pois que na Italia já os *rustici* tambem usavam o *emplecton*. (Vitruvio, II, viii). O aparelho em Azere não era o *reticulatum*.

<sup>2</sup> Em 100 annos uma soleira do mais duro granito soffre uma corrosão muito accentuada só com o passar de gente de pé. É observação firmada em seguros elementos e notada por mim.

ralmente esta circumstancia a causa preponderante no desmoronamento do *balineum*<sup>1</sup>.

Mas esta hypothese que me suggeriu a *structura* das paredes do *balineum*, tem outro alcance alem d'aquelle que directamente lhe competia e vinha a ser a causa da derrocada; é a propria chronologia d'estas thermas, é o seu periodo de duração e funcionamento. O A., com aquelle espirito minucioso e criterio ponderado, que o singulariza, debateu no cap. vi (pag. 51 e seqq.) esta questão, concluindo por attribuir ao balneario 3 a 4 seculos de uma existencia finda no sec. v.

Se as considerações, com que acompanhei a hypothese da construcção defeituosa das paredes do edificio, valerem alguma cousa, parece-me que a duração d'este estabelecimento se poderá reduzir um pouco mais e, como não posso deixar de reconhecer como bem deduzidas as razões em que o A. se funda, para *desmantelar* o edificio antes do inicio do sec. v, é logico que a erecção do *balineum* se colloque não no i ou ii seculo, mas porventura no iii. Todavia trata-se de conjecturas, acêrca das quaes, neste caso, nenhum juiz infallivel poderá algum dia proferir aresto<sup>2</sup>.

E, para terminar, mais outra reflexão. A presença *in situ* da caldeira de cobre (pag. 20) mal se concilia com o abandono voluntario das thermas. No mesmo caso está o apparecimento de lenha carbonizada (pag. 55). Estes dois factos parecem comprovar uma utilização muito proxima do facto do desmoronamento.

A segurança do edificio não afastava receios (prova-o o contraforte), é certo; mas a catastrophe não se considerava tão imminente que o estabelecimento não estivesse ainda provido de uma peça capital e, para mais, metallica. Ao desmoronamento imprevisto succedia a pouco trecho o exodo dos *pagani* da região para outra mais segura.

Nesta seara de conjecturas, todos os ceifeiros tem lugar, porque ella é indefinida. A certeza e a verdade historicas não são sempre accessiveis ao esforço humano.

Revelam porém muito criterio e muito estudo as hypotheses apresentadas pelo feliz explorador do *balineum* de S. Vicente.

Mas é impossivel ter-se por esgotado o seu numero. As tendencias de espirito de cada um, o modo do ser especial da sua intelligencia e da sua imaginação, a sympathia das suas soluções, e a casualidade de uma ou outra leitura influem por modo notavel na variedade d'ellas.

Portanto, o que suggerir não visa a supplantar o que, por sua vez, o illustrado A. suggeriu tambem, mas a satisfazer uma sollicitação intellectual a que não se pode ser superior.

FELIX ALVES PEREIRA.

<sup>1</sup> Analogamente succede com as calçadas das ruas da *Citania* e de *Sabroso*, calçadas que são ao mesmo tempo caracteristicas das estradas romanas (vid.: Cartailhac, *Les âges préhistoriques*, pag. 275 e 283; e *Renascença*, pag. 118).

<sup>2</sup> Segundo informação que recebi do Sr. Dr. Leite de Vasconcellos, um dos pequenos bronzes, que eu não vi, procedentes do *balineum* de S. Vicente será do sec. iv, a julgar do conjunto da moeda, que porém está muito gasta.